



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DG

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

LUAN SAMPAIO BORBOREMA

**A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E CULTURAL ATRAVÉS DA FEIRA LIVRE
DE BOA VISTA-PB: TRANSFORMAÇÕES E PERSISTÊNCIAS**

CAMPINA GRANDE - PB

2022

LUAN SAMPAIO BORBOREMA

**A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E CULTURAL ATRAVÉS DA FEIRA LIVRE
DE BOA VISTA-PB: TRANSFORMAÇÕES E PERSISTÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado a/ao Coordenação/Departamento
de Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa.

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B726d Borborema, Luan Sampaio.
A dinâmica socioeconômica e cultural através da feira livre de Boa Vista - PB [manuscrito] : transformações e persistências / Luan Sampaio Borborema. - 2022.
35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa ,
Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Feira-livre. 2. Dinâmica espacial. 3. Boa Vista - Paraíba .
I. Título

21. ed. CDD 381.18

LUAN SAMPAIO BORBOREMA

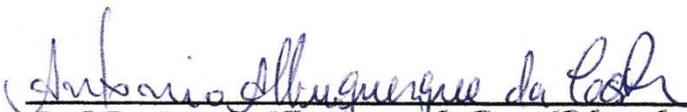
**A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E CULTURAL ATRAVÉS DA FEIRA LIVRE
DE BOA VISTA-PB: TRANSFORMAÇÕES E PERSISTÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado a/ao Coordenação/Departamento
de Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Geografia.

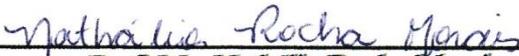
Orientador: Prof. Dr. Antonio Albuquerque da
Costa.

Aprovado em: 04/07/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Nathalia Rocha Morais
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, principalmente e primeiramente, por ter me conduzido a este curso e concluí-lo com júbilo. Sendo o primeiro integrante da família a estar concluindo um curso superior.

Aos meus pais, Inácio Sampaio Borborema e Lúcia de Fátima Sousa Sampaio Borborema por serem motivo de inspiração, motivação incondicional e contribuir para que este trabalho se concretizasse.

A minha esposa Júlia Maria Pereira Araújo, pela paciência, compreensão e colaboração durante todo o curso, dando-me forças para esta conclusão.

A meu irmão Lucas Sampaio Borborema e sua família, por serem razões de felicidades, companheirismo e apoio.

Ao meu amigo José de Arimatéia Cantalice Sobreira, por me auxiliar durante esta pesquisa com informações, resultando neste trabalho.

A todos meus familiares que estão presentes e os demais *in memoriam*, por tudo que tem feito por mim, colaborando para que este título seja celebrado com fervor.

A todos meus amigos, colegas da turma 2017.1 e “agregados”, que foram importantíssimos para que esta finalização fosse almejada.

Ao Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa por toda paciência e dedicação, sendo também inspiração para a realização deste trabalho.

A Universidade Estadual da Paraíba com todo seu corpo de funcionários e servidores, e em especial, todos os docentes que passaram pela grade curricular do curso de Licenciatura Plena em Geografia, que contribuíram para que o conhecimento geográfico e pedagógico fosse cada vez mais externado.

A todos/as aqueles/as que de forma direta ou indireta, colaboraram indistintamente para que este Trabalho de Conclusão de Curso fosse finalizado com êxito.

RESUMO

O trabalho a seguir, expõe sobre as modificações ao longo das décadas na feira livre de Boa Vista-PB, tendo por objetivo analisar os impactos que a mudança no dia da realização da feira livre teve, direcionando para o que é atualmente. Utilizando a metodologia qualitativa e demais fontes bibliográficas, busca-se alinhar o estudo com o *in loco*. Desta forma, é importante explicar a relevância que este modo de comercialização tem para a região Nordeste do Brasil, além de elucidar desde a sua origem em Boa Vista até os dias vigentes, observando as relações sociais, econômicas e culturais dos transeuntes e comerciantes, bem como, analisar o papel do poder público municipal. Diante disso, verifica-se que a alteração no dia da realização da feira livre municipal foi fundamental para que o atual evento se debilitasse em comparação com décadas pregressas. O mercado público, de tal modo, que deveria abrigar todos os comerciantes que se fazem presentes, passa a servir de equipamento de segregação para alguns comerciantes. Dessa forma, apesar da feira livre ter sido depreciada, as relações socioeconômicas e culturais ainda são relevantes para a população que ali transitam.

Palavras-Chave: Feira-livre. Dinâmica Espacial. Boa Vista.

ABSTRACT

The following work exposes the changes over the decades in the street market of Boa Vista-PB, aiming to analyze the impacts that the change in the day of the street market held, directing it to what it is today. Using the qualitative methodology and other bibliographical sources, it seeks to align the study with the *in loco*. Thus, it is important to explain the relevance that this way of trading has for the Northeast region of Brazil, besides elucidating since its origin in Boa Vista to the present day, observing the social, economic and cultural relations of passersby and traders, as well as analyzing the role of the municipal government. In view of this, it can be seen that the change in the day on which the municipal open market is held was fundamental for the current event to weaken in comparison with previous decades. The public market, which should shelter all the traders that are present, now serves as segregation equipment for some traders. Thus, although the street market has been depreciated, the socioeconomic and cultural relations are still relevant to the population that passes through it.

Keywords: Street market. Spatial Dynamics. Boa Vista.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Mapa da localização de Boa Vista.....	10
Figura 02: Imagem das primeiras casas construídas na então vila de Bôa Vista.....	12
Figura 03: Imagem da igreja do Bom Jesus dos Martírios.....	12
Figura 04: Localização de importantes espaços identitários de Boa Vista.....	15
Figura 05: Imagem da rua Severino Pereira de Araújo, em 2021.....	22
Figura 06: Mercado Velho.....	23
Figura 07: Mercado público após construção e reforma.....	23
Figura 08: Placa da inauguração instalado na entrada nordeste do mercado público.....	24
Figura 09: Entrada lateral pela Rua José Albino da Silva, em 1994.....	25
Figura 10: Entrada lateral pela Rua José Albino da Silva, em 2022.....	25
Figura 11: Interior do mercado público, em 1994.....	26
Figura 12: Interior do mercado público, em 2021.....	26
Figura 13: Placa da reconstrução instalado na entrada nordeste do mercado público.....	27
Figura 14: Imagem dos antigos quartos, atuais pequenos comércios.....	30
Quadro 01: Feiras realizadas em diversos municípios paraibanos.....	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FORMAÇÃO GEOHISTÓRICO E TERRITORIAL.....	10
3	A RELEVÂNCIA DAS FEIRAS LIVRES PARA A REGIÃO NORDESTE	18
4	A FEIRA DE BOA VISTA	20
4.1	A Feira e sua história.....	20
4.2	A mudança na realização da feira	28
4.3	O uso da feira livre como um espaço dinâmico.....	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a feira livre na cidade de Boa Vista – PB, e aborda como tal evento socioeconômico e cultural, tem se modificado ao longo dos anos através da realização de tais atividades. O tema traz para o debate a importância de um evento de forte identidade regional, com aspectos econômicos e culturais que lhes são peculiares. Porém, vai muito além, ao servir como um amortecedor social ao gerar emprego para milhares de pessoas ao longo do vasto território brasileiro. Outro aspecto a ser ressaltado é que tal evento vem sendo aos poucos alterado, ao mesmo tempo em que busca sobreviver as modernizações de um mundo globalizado, que impõe novos produtos, novas formas de relações interpessoais e novos modos de comercializar e de consumir.

A investigação acerca da temática tem como ponto de partida uma reflexão sobre tais mudanças ocorridas ao longo das três últimas décadas na feira de Boa Vista. Dessa forma, o estudo sobre a feira busca entender quais foram os impactos, e como eles foram decisivos para que o evento adquirisse as características que apresenta atualmente.

Entende-se ainda que o estudo de um evento dessa magnitude econômica, social, cultural e política em uma pequena cidade do interior da Paraíba, pode ser base para políticas públicas com a finalidade de beneficiar toda a população.

O objetivo geral deste trabalho foi analisar os impactos que a mudança no dia da realização da feira livre, decisão esta, em comum acordo de comerciantes locais, acarretou neste evento. Outros objetivos secundários foram: explicar a sua origem; descrever a dinâmica antiga e atual da feira; observar as relações sociais, econômicas e culturais dos usuários e analisar o papel do poder público para com este evento secular.

As hipóteses que nortearam a realização da pesquisa foram, a de que há a necessidade de uma melhor infraestrutura para os feirantes que se fazem presentes neste evento semanal; bem como a de que, com a alteração da realização no dia da feira livre, não houve estímulos para que os feirantes permanecessem na cidade, ocasionando o declínio do evento.

Os procedimentos metodológicos que foram utilizados neste trabalho foram: a pesquisa bibliográfica, utilizando livros, teses, artigos e demais referências escritas *on-line* e físicas, além das pesquisas *in loco*, observação dos comportamentos dos transeuntes e clientela da feira. A pesquisa é qualitativa, o que possibilitou maior liberdade de relato sobre a organização da feira.

No primeiro capítulo intitulado “Formação geohistórico e territorial” descreve a respeito do desenvolvimento de Boa Vista, sua localização e demais referências, procedendo desde a chegada dos colonos por volta do século XVII, nas terras de Santa Rosa, até a emancipação do então distrito, do município de Campina Grande.

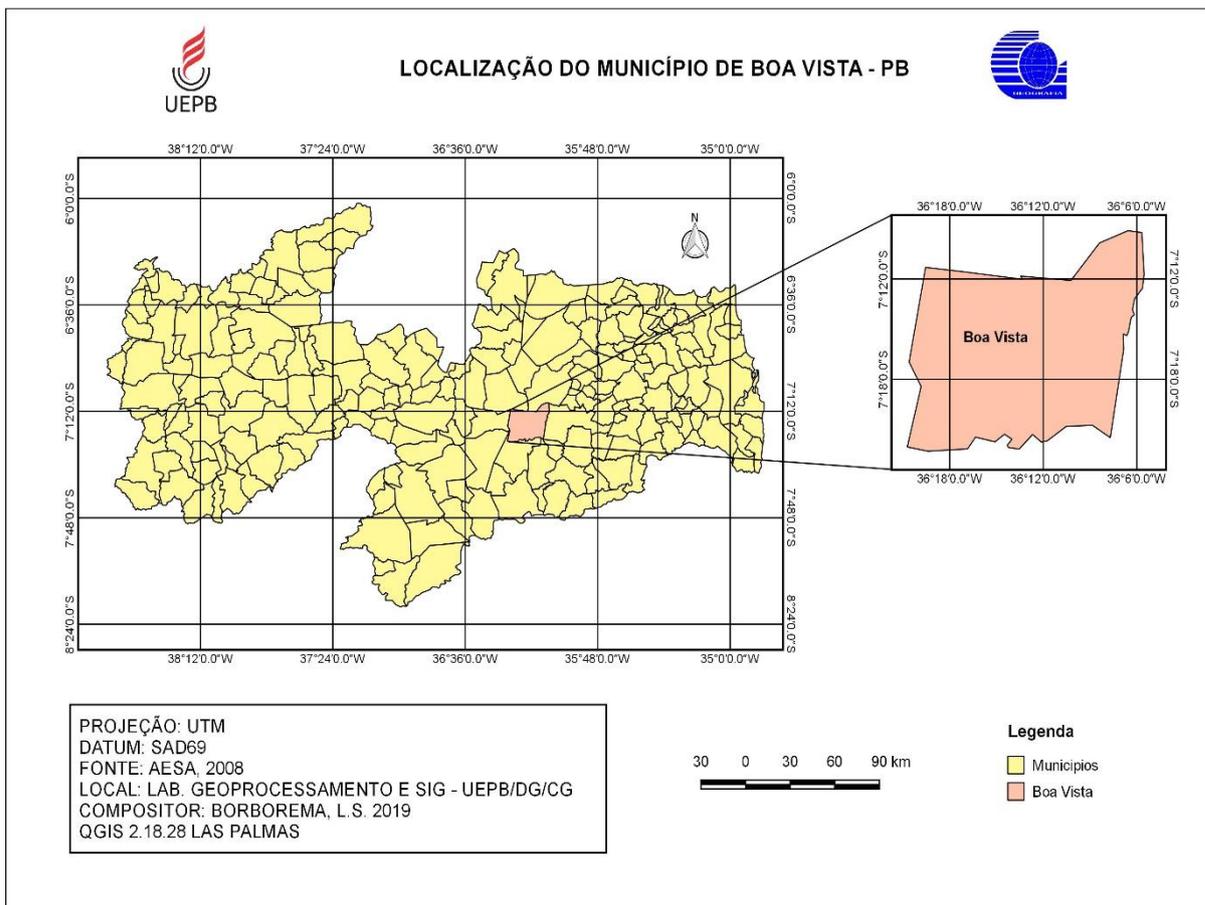
Já o segundo capítulo nominado de “A relevância das feiras livres para a região nordeste” discorre sobre a importância que este evento tem para a região nordestina do país, tanto no que se refere ao abastecimento e a socialização que tal evento que possibilitou o surgimento de novos núcleos populares.

Por fim, o terceiro capítulo “A feira de Boa Vista”, revela as primícias do evento e como o mesmo foi se desenvolvendo, colaborando com o crescimento e abastecimento do antigo distrito, posterior cidade. Mostra também a característica da feira como um espaço sociocultural para os que ali circulam. Por fim, aborda que a mudança no dia da realização do evento, trouxe resultados que não foram pensados, sendo notados por aqueles que conheceram o antes e o depois da feira livre.

2 FORMAÇÃO GEOHISTÓRICO E TERRITORIAL

Localizada no interior do estado da Paraíba, o município de Boa Vista está distante da capital João Pessoa 171 quilômetros. Situando-se na mesorregião do Agreste e na microrregião de Campina Grande ou Região Intermediária e Região Imediata de Campina Grande, conforme a mais recente divisão regional do Brasil (IBGE, 2022). Sua sede encontra-se instalada ao sudoeste da primeira construção, sob coordenadas $7^{\circ}15'47.3''\text{S}$ $36^{\circ}14'33.1''\text{W}$, e está a 493 metros em relação ao nível do mar. Além de ter por bioma a Caatinga e os seus solos são classificados por Planossolo Nátrico (54,79%), Luvissoilo Crômico (40,78%), Neossolo Litólico (3,97%) e Vertissolo Háptico (0,06%) (IBGE, 2022).

Figura 01: Mapa da localização de Boa Vista.



Fonte: BORBOREMA, Luan Sampaio. 2019.

Em tempos coloniais, por volta do século XVII, foi um importante ponto de partida para a expansão colonial no território paraibano, dado a implementação da Fazenda Santa Rosa nas proximidades do rio de mesmo nome por Teodósio de Oliveira Lêdo, sua família e sesmeiros (FARIAS, 2003, p. 13).

Por sua posição estratégica, sendo próximo da região do agreste, a Fazenda Santa Rosa foi responsável pela difusão de outras fazendas no interior do atual estado, dado o movimento periódico de pessoas e animais entre o Cariri e o Agreste em busca de novos territórios para a criação do gado. Assim, estas propriedades foram se formando nas adjacências de rios ou riachos, lugares exclusivos onde era possível encontrar água para saciar pessoas e animais, apesar de ser salobra. Dessa forma, a Fazenda Santa Rosa se “destaca como uma das mais prósperas do Cariri” (CAMARA, 1988, apud FARIAS, 2003, p. 15), provindo dela a origem da segunda maior cidade do interior da região do Nordeste, a cidade de Campina Grande.

Após cento e cinquenta e três anos sem uma representação religiosa na sesmaria, o descendente de Teodósio de Oliveira Lêdo, Antônio Gomes de Farias foi o responsável pela realização da construção da então capela em honra ao Bom Jesus dos Passos, em promessa pela recuperação da saúde do seu pai José Gomes de Farias (SOARES, 2003. p. 73).

Para ser iniciada a construção da capela, foi fundamental o levantamento das primeiras casas para a acomodação dos pedreiros e ajudantes da obra (Figura 02), além de também abrigar as primeiras moradoras daquela localidade nas proximidades do futuro templo (FARIAS, 2003, p. 19).

Construída em um local de fácil visibilidade, sendo instalada numa elevação defronte à Casa Grande distante em torno de quinhentos metros (SOARES, 2003. p. 75), a igreja (Figura 03) foi fixada no lugar chamado a posterior de Bôa Vista de Sancta Roza¹, haja vista sua bela paisagem em relação a Casa Grande - admiração vinda do mandante da obra - e ser pertinente ao território da fazenda Santa Rosa, permanecendo sua primeira nomenclatura – Boa Vista - até o presente momento.

¹ Grafia utilizada na época em que era vila.

Figura 02: Imagem das primeiras casas construídas na então vila de Bôa Vista.



Fonte: BORBOREMA, Luan Sampaio. 2022.

Figura 03: Imagem da igreja do Bom Jesus dos Martírios.



Fonte: BORBOREMA, Luan Sampaio. 2022.

Após dezenove anos da iniciação da obra, em 1838 foi concluída a capela que receberia a imagem do Bom Jesus dos Passos como padroeiro, no entanto, houve um equívoco na entrega dos caixotes que correspondia à imagem do Bom Jesus dos Passos e a imagem do Bom Jesus dos Martírios que seria conduzido a vila de Bôa Vista e a Vila Real de São João do Cariri respectivamente, sendo trocado as imagens dos destinatários. Portanto, após consenso dos moradores da vila de Bôa Vista, compreendendo como uma ação divina, as trocas das imagens nunca foram desfeitas.

Em consonância à construção da capela, Antônio Gomes de Farias foi o encorajador para que fosse estabelecido um vilarejo nas imediações da capela, para tanto, doou diversos lotes para aqueles que pretendessem instalar-se naquela localidade em busca de participar cada vez mais dos eventos religiosos que ali seriam realizados. De tal maneira, o aparecimento de novos imóveis foram se tornando mais frequentes, principalmente pelos fazendeiros, sendo estes domicílios denominados “casa da rua”, tendo em vista a sua proximidade com a igreja e a longitude das fazendas, que eram os domicílios principais.

Dessa forma, como afirma Farias (2003), na segunda metade do século XIX já era possível encontrar em torno de vinte imóveis nas imediações da capela, onde até hoje é conhecida por “Rua de Cima” e “Rua de Baixo” (Figura 4), que corresponde as respectivas ruas Bom Jesus e Prefeito Severino Cabral. Tal toponímia deve-se a localização das referidas ruas em relação ao relevo e reflete a importância de destaque da Igreja neste momento da formação territorial do Brasil, no qual as igrejas eram construídas nos terrenos mais altos e eram as construções mais imponentes dos povoados, vilas e cidades.

Posteriormente, a então vila é agraciada com a instalação da subdelegacia de polícia, além da construção de uma escola (Figura 4), na qual se desenvolvia o aprendizado das primeiras letras, bem como, a inserção de rudimentares comércios, sendo estas, condições favoráveis para se elevar o povoado a condição de vila e sediar um distrito. “Como resultado dessa evolução, em 08 de outubro de 1883, o povoado foi elevado à condição de Distrito de Paz do município de Campina Grande” (SOARES, 2003. p. 89).

Em 1890 o distrito foi desagregado do município de Campina Grande sendo incorporado pelo município de Cabaceiras, porém foi revogado no mesmo ano, retornando à jurisdição de Campina Grande. Mais à frente, em 1918, o distrito passa novamente a se tornar território da cidade de Cabaceiras, alterando também o nome, sendo chamado “Lêdo”, no qual também foi desfeito no ano de 1938 e anexado no ano de 1947 outra vez a Campina Grande.

Neste mesmo ano segundo Assis Filho (2002, p.22), não havia energia elétrica, apenas a posterior na “rua de baixo”, “foi instalado um gerador, que fornecia energia elétrica no povoado (sic!) das 05 horas da tarde até às 10 horas da noite”, além de que, “não existia água encanada e muito menos tratada”, sendo este transtorno, solucionado no ano de 2003, com a adutora do Cariri.

Coincidente a colonização branca da região, os negros também tiveram papel importante para o desenvolvimento da região, sendo introduzidos no território, especialmente para serem trabalhadores nas casas e com a pecuária, de tal forma, foi sendo desenvolvido nas terras de Santa Rosa um reduto de escravos e ex-escravos, que apenas no ano de 2018 foi oficializada como um quilombo, sendo “[...]a 40ª comunidade reconhecida como quilombola na Paraíba” (MÁXIMA TECNOLOGIA, 2018).

Descendentes dessa população escravizada, posteriormente, se fixaram na Vila de Boa Vista, porém em uma área por trás da capela – já que a área fronteira era destinada aos brancos -, este refúgio da população negra no território da capela do Bom Jesus dos Martírios (Figura 4) foi crescendo, inclusive com pessoas de vindas de outras regiões, do modo que, configurou-se uma paisagem *sui generis*², sendo formada por diversas casas feitas de “taipa” ou “pau a pique”.

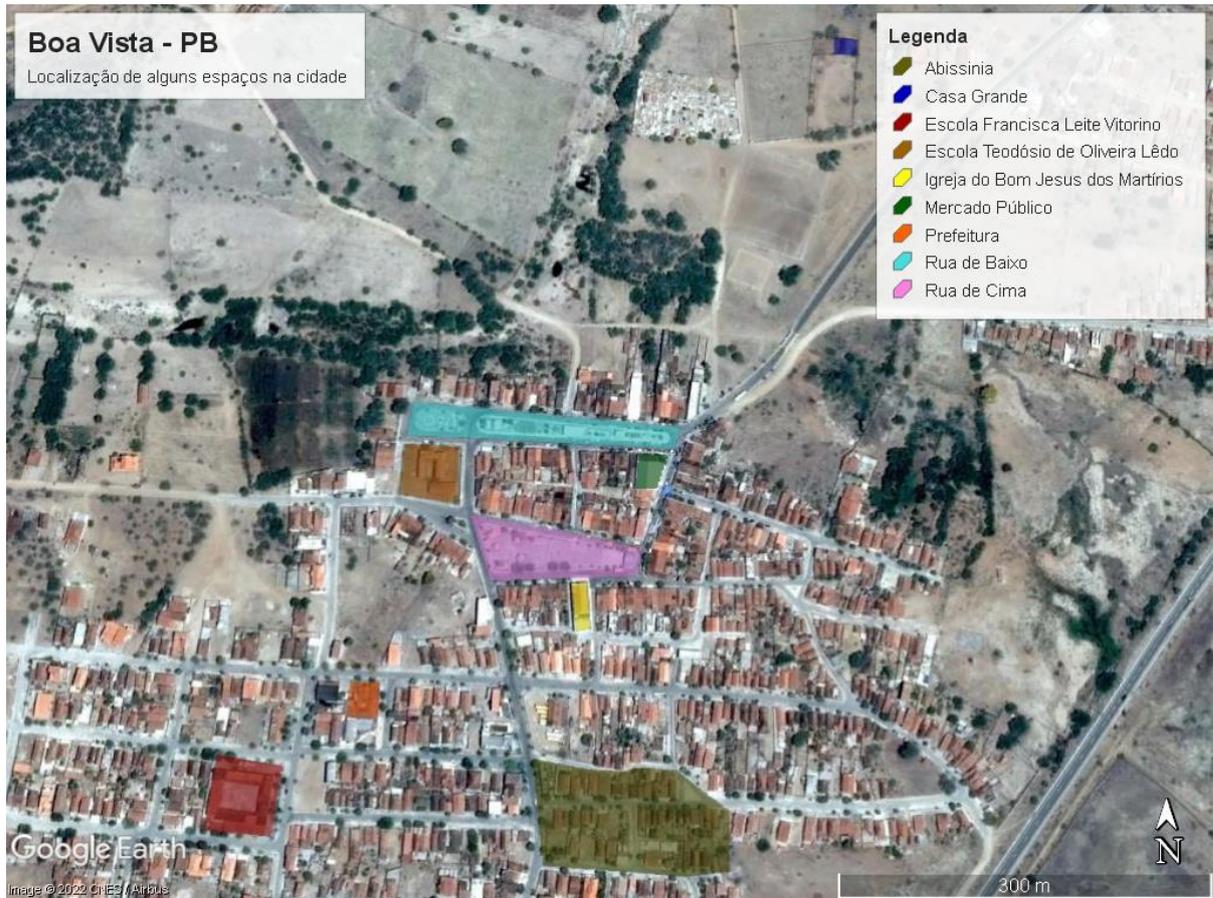
O conglomerado de residências refletia a exclusão socioeconômica e espacial, e que, pela quantidade de negros que ali habitavam, foi denominada de “Abissínia” (Figura 4), – área hoje que corresponde a Etiópia - termo que inicialmente foi entendida como uma chacota, porém a posterior, foi sendo ressignificado e aceita pelos populares, permanecendo até os dias atuais.

A partir da década de 1980, políticas públicas foram sendo implementadas para população afrodescendente do distrito, introduzindo banheiros de alvenaria nos quintais das casas, seguido da redução das moradias precárias de “taipas/pau a pique” por residências construídas de alvenaria, a fim de proporcionar uma vida mais digna e diminuir também os casos da Doença de Chagas, dado ao esconderijo do inseto nas fissuras do barro.

Com o passar do tempo, a distância geográfica que separou as duas comunidades por décadas acabou sendo vencida. Com o crescimento urbano, a antiga rua dos negros foi abraçada pela cidade que lhe dera as costas nos primeiros anos, mas não se pôs termo a muitos dos velhos preconceitos. Apesar da aproximação, a Abissínia continua distante em outros aspectos. (SOARES, 2003. p. 191).

² Único, singular.

Figura 04: Localização de importantes espaços identitários de Boa Vista.



Fonte: Google. Adaptado por BORBOREMA, Luan Sampaio. 2022.

Em decorrência da emancipação de diversos outros municípios paraibanos na segunda metade do século XX, a população do distrito de Boa Vista “[...] foram chegando então, à conclusão de que se outros lugares, de mesmo ou de menor porte, estavam se emancipando, Boa Vista também poderia ser emancipado” (SOARES, 2003. p. 213), porém, em meados da década de 1960 este desejo poderia ter sido realizado, se não fosse suplantado pelo prefeito Severino Bezerra Cabral e suas representações no distrito, “[...] sob o argumento de que ele não teria condições de ser manter como cidade. Segundo eles, Boa Vista era assistida por um, ótimo prefeito” (SOARES, 2003. p. 213), pretexto que foi desconstruído na mesma década pelo descobrimento da bentonita no território boavistense, sendo uma das maiores jazidas do Brasil, conforme Farias (2003).

No entanto, a partir do ano de 1981, a ideia de tornar Boa Vista novamente emancipada coloca um grupo de jovens alunos em destaque, chegando ao ponto de conseguir apoio do senador paraibano Ivandro Cunha Lima em prol do distrito. Desta forma, foi elaborado o Projeto de Lei Complementar nº 244/81 que beneficiaria o então distrito de Boa Vista, que pertencia ao município de Campina Grande, bem como, outros distritos, cujo requisitos mínimos fossem

igual ou superior ao prescrito, no qual buscava alterar a Lei Complementar nº 01/67, que legislava sobre a criação de novos municípios.

Com a última Constituição do Brasil de 1988, o dever por “a criação, a incorporação, a fusão e o desmembramento de Municípios, far-se-ão por lei estadual [...]”. (BRASIL, Constituição, 1988). Dessa forma, o Estado paraibano passou a ser o responsável pela criação dos novos municípios, tendo por diretrizes sua constituição e atribuindo ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) o dever de realizar as consultas plebiscitárias para analisar a aceitação da população para a possível emancipação do distrito.

Com isso, o TRE da Paraíba solicitou ao prefeito campinense Cássio Cunha Lima “[...]a liberação do distrito de Boa Vista, a fim de que fosse submetido ao plebiscito que definiria sua emancipação” (SOARES, 2003. p. 225). Porém, o mesmo não respondeu ao órgão no tempo hábil, gerando um grande alvoroço no distrito, sendo tal questionamento repercutido na imprensa local.

Indignados “o comitê (...) questionava os critérios utilizados pelo TRE e Assembléia Legislativa para a realização do plebiscito, já que Boa Vista é o primeiro da relação de distritos e foi preterido” (Diário da Borborema 02 de abril de 1993: 7 apud SOARES, 2003. p. 228). No entanto, tal indagação só foi respondida após um membro do comitê emancipatório obter a informação de que o prefeito de Campina Grande teria negado responder o ofício em 1992.

Contudo, no ano posterior, em abril de 1993, o prefeito Félix Araújo Filho, assinou o parecer favorável ao distrito, dando-lhes o direito do plebiscito que foi realizado em novembro do mesmo ano. Para isto, campanhas favoráveis à emancipação do distrito foram difundidas ao longo dos meses para que a população abraçasse a causa emancipatória, desta forma, após votação, foi constatado o montante de 90,6% (1.756) de votos a favor da emancipação e 7,6% (137) de votos contrários. Diante disso, em 29 de abril de 1994, o outrora governador do estado da Paraíba, Cícero de Lucena Filho homologou a lei estadual nº 5.884 que elevou a categoria de município o antes distrito de Boa Vista (SOARES, 2003).

Atualmente, faz-se limites com os municípios de Cabaceiras, Boqueirão (ao sul), Gurjão, São João do Cariri (ao oeste), Pocinhos, Soledade (ao norte) e Campina Grande (ao leste). Em torno e sobre alguns dos seus 468.933 km² (IBGE, 2021) se encontra instalado as rodovias federais BR-230 e BR-412, além das estaduais PB-138 e PB-180, sendo assim, importantes equipamentos de traslado de pessoas e produtos.

De acordo com o último censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 6.227 habitantes residem no município, mas segundo estimativa do mesmo órgão no ano de 2021 a população é acrescida de 991 pessoas, deste modo, como afirma Alcântara (2011), apenas 3.208 pessoas vivem na zona urbana, sendo a indústria local de base extrativista um importante causador para que ainda concentrem os munícipes em sua sede.

3 A RELEVÂNCIA DAS FEIRAS LIVRES PARA A REGIÃO NORDESTE

As feiras livres que acontecem no Nordeste brasileiro é um dos símbolos da resistência e da importância das relações sociais que existem a bastante tempo na região. Dessa forma, em diversos casos, alguns vilarejos e posteriormente, cidades, só se desenvolveram a partir de tal evento, visto a centralidade que os mesmos proporcionam aos lugares a partir de uma periodicidade nos quais são realizados, que atraem consumidores de pontos, muitas vezes longínquos, que são atraídos por produtos aí expostos de regiões distintas tais como o litoral, os brejos ou os sertões.

A necessidade da venda do excedente alimentar produzido pelos agricultores, a compra de alimentos, objetos e serviços ou até mesmo o escambo, tornou alguns lugares pontos de relações socioeconômicas, sendo assim, tal periodicidade se acentuou, havendo a necessidade de

que os produtores – vendedores - consumidores escolhessem em comum o dia para realizarem seus negócios. Este dia podia ser o tradicional dia de descanso semanal ou o dia em que estavam acostumados a convergirem para local para atividades religiosas e pagamento de tributos. (CORRÊA. 1988. p. 71)

Com isso, as distâncias que anteriormente eram um dos desafios para a aquisição de produtos e serviços foram sendo cada vez mais encurtadas, visto estas relações de compra/venda/troca.

No entanto, apesar da modernização ter abalado as dinâmicas das feiras livres e mercados, elas ainda possuem caráter relevante no século XXI e por isso

As feiras livres são um importante espaço de comercialização dos produtos da agricultura familiar, indo muito além disso: é também espaço de socialização, identidade regional e cultural e também de articulação política. Nas feiras há movimentação de produtos, pessoas, informações e cultura, numa dinâmica muito peculiar, que se misturam com a paisagem local (PEREIRA, BRITO, PEREIRA, 2017, p. 68).

Como afirma Corrêa (1988) “Quanto maior for a importância da cidade, em termos de centralidade, maior será a importância absoluta de sua feira, importância determinada segundo o número de participantes e a área de atuação da mesma[...]”. Dessa forma, sua posição geográfica desenvolve um papel impar para o desenvolvimento e progresso próprio, além do seu entorno, que também prospera. A centralidade atribuída aos locais pelas suas feiras está assim associada a uma hierarquia urbana e o raio de alcance espacial dos produtos nelas encontrados que vai deste um alcance espacial mínimo, com produtos mais corriqueiros a um alcance espacial máximo, nos quais os consumidores se deslocam de locais mais longínquos para nelas suprirem necessidades menos comuns.

“No entanto, quanto menor a centralidade de uma cidade, maior a importância relativa da feira semanal, para a vida urbana[...]” (CORREA, 1988. p. 74). Deste modo, os pequenos centros carecem de produtos e serviços, haja vista seu difícil acesso, assim, a sazonalidade do evento se torna uma oportunidade para que possibilite a comunidade o acesso a este mercado, mitigando suas necessidades, além de permitir ao vendedor estar em outros centros nos demais dias da semana, como atesta Correa (1988).

Assim foi se desenvolvendo as feiras na região Nordeste, promovendo um misto de possibilidades, integrando a capacidade de aquisição de produtos e serviços, em conjunto a uma cultura única de relações sociais e culturais, em que é notório observar na letra cantada por Clara Nunes, de composição de Sivuca e sua esposa, Glorinha Gadelha em 1979.

Fumo de rolo, arreio de cangalha
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Bolo de milho, broa e cocada
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Pé de moleque, alecrim, canela
 Moleque sai daqui me deixa trabalhar
 E Zé saiu correndo pra feira dos pássaros
 E foi passo-voando pra todo lugar
 Tinha uma vendinha no canto da rua
 Onde o mangaieiro ia se animar
 Tomar uma bicada com lambu assado
 E olhar pra Maria do Juá[...]

Para tanto, a relevância para com o estudo acerca das feiras livres é de importante valia, haja vista que, tal evento possuiu relevância em tempos anteriores para o abastecimento local e regional, sendo este ultrapassado pelos atuais hortifrúteis e atacadistas/supermercados, mas que, apesar de antiquado possibilita renda e abastecimentos para milhares de pessoas, assim como ocorre em Campina Grande, que, embora possua diversas lojas de atacado, mantém sua feira livre vigorante.

4 A FEIRA DE BOA VISTA

4.1 A Feira e sua história

Iniciado no largo da Igreja do Bom Jesus dos Martírios, a feira livre de Boa Vista teve por fundador Anselmo Maria Pereira de Lacerda, como afirma Almeida (1978, p. 388), “construindo para isso, uma latada de Gravatá, no largo em frente à sua residência, o que era muito em uso nos idos de 1880”. Soares (2003) por sua vez, data a feitoria de 03 de outubro de 1883 (Quarta-feira), dia bastante diferente do que é realizado nos dias atuais.

Após o início da realização da feira, a comercialização na então vila foi crescendo em harmonia ao crescimento da mesma, visto a construção de novas edificações e o retorno dos moradores para suas moradias nas “casas da rua”. No entanto, “No começo do século XX a feira pública foi deslocada para a rua de baixo (1907)” (FARIAS, 2003. p. 20), juntamente com a mudança do comércio de Simão Pereira de Almeida para a referida rua, o novo lugar para a feira ficou ao lado de seu comércio, sendo construída “um alpendre amplo com coberturas de telhas” (SOARES, 2003. p. 136), onde a partir do ano de 1912, começou a dividir espaço com uma máquina de descaroçar algodão.

Sete anos mais tarde, seu irmão Sebastião Evangelista de Souza - com quem havia atritos - em conjunto “com o amigo e compadre João Pereira de Araújo (João Grosso), construiu um segundo mercado público na localidade, em 1919” (SOARES, 2003. p. 134), fazendo com que ambos os mercados funcionassem paralelamente nos dias da feira e conseqüentemente, dividindo os consumidores entre si.

Os públicos de cada mercado se segmentavam de acordo com o partido político que tomava por viés, deste modo, o “Mercado Velho” de Simão era presenciado pelas pessoas filiadas com o Partido Republicano, por outro lado, o “Mercado Novo” de Sebastião e João, se destinava aos filiados ao Partido Democrata, como atesta Soares (2003).

De tal modo, apesar dos conflitos, a Rua de Baixo também ficou conhecida por Rua dos Comércio, haja vista, a quantidade de estabelecimentos comerciais que estavam inseridos naquele lugar, e que por bastante tempo, foi o centro comercial do distrito e posterior, cidade. Em 1963, o então prefeito Severino Bezerra Cabral adquiriu a área que antes funcionava o Mercado Velho de posse do comerciante José Albino da Silva, adquirido nos anos de 1930 (Figura 06), para ali ser construído um mercado contemporâneo, que possibilitasse uma melhor estrutura, no qual foi finalizado no mesmo ano de sua gestão (1959 – 1963) (Figura 07) sendo

esta e outras obras inauguradas no dia 17 de novembro de 1963 (domingo), resultado que ainda é possível observar nos dias atuais.

Em virtude dos veículos concernirem como bens de consumo que demandavam um poder econômico mais elevado, os moradores menos abastados que desejassem frequentar a feira tinha apenas os animais como veículo para se deslocar, deste modo, nas proximidades do centro comercial era possível observar diversos currais onde os animais eram colocados, exalando por vezes, um odor forte devido a suas fezes.

Como aponta Santos (2014, p. 73) “A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento”. Deste modo, os jumentos, cavalos e mulas foram substituídos *a priori* por bicicletas, seguido pelas motocicletas, carros e também ônibus, assim, com a demanda menor, os currais no entorno foram sendo desativados, em virtude da mudança do modo de locomoção, dando espaço para que ruas e casas fossem sendo construídas caracterizando-se gradativamente como uma zona urbana.

Era possível também observar nas proximidades do mercado, vários “quartos” de aluguel (Figura 05), onde alguns sitiantes guardavam suas mercadorias, veículos (bicicletas), dentre outras coisas, tendo este imóvel como apoio para acondicionar suas compras e assim retornarem a suas casas sem a necessidade de carregar consigo a todo o momento na feira.

Apesar da feira possuir um quantitativo de pessoas generosas em décadas passadas e a tração animal ter transcorrido como o transporte mais utilizado, não se tem relatos de comercialização de animais na região em maiores proporções, apenas informações de algumas vendas de animais de pequeno porte ou “apalavramento”³ no decorrer da feira livre, algo ainda comum de ser presenciado.

Em virtude do espaço interno do mercado já está sendo ocupado por outros comerciantes, o ambiente externo das ruas adjacentes ao mercado foram a solução encontradas pelos feirantes para expor suas mercadorias, em maior ênfase na praça Prefeito Severino Cabral, localizado na rua de mesmo nome, todavia, na década de 2000, quando a praça passou por uma reforma, os negociantes que anteriormente montavam suas bancas no largo, deslocaram-se para as demais ruas do entorno.

³ Compromisso, acordo.

Deste modo, as ruas Severino Pereira de Araújo, José Barbosa da Silva e Bom Jesus passaram a alocar os feirantes, alterando mais uma vez a paisagem e o fluxo das pessoas, no entanto, com a mudança do dia da realização da feira, houve-se uma diminuição na quantidade dos feirantes, permanecendo alguns feirantes nestas ruas - exceto na rua Bom Jesus que não há mais comercialização -, e estes, por sua vez, de um modo ainda antiquado, acomodando suas mercadorias em bancas de construção própria ou em cima de caixotes de plásticos, além de que, alguns não possuem cobertura para seu negócio, abrigo-se debaixo das árvores, sendo sujeitos as intempéries, como observado na Figura 05.

Figura 05: Imagem da rua Severino Pereira de Araújo, em 2021.



Fonte: BORBOREMA, Luan Sampaio. 2021.

Figura 06: Mercado Velho.



Fonte: Retalhos de Boa Vista-PB. 2022.

Figura 07: Mercado público após construção e reforma.



Fonte: BORBOREMA, Luan Sampaio. 2022.

Figura 08: Placa da inauguração instalado na entrada nordeste do mercado público.



Fonte: BORBOREMA, Luan Sampaio. 2022.

Passados 37 anos, o Mercado Público de Boa Vista foi reconstruído sob a administração do primeiro prefeito eleito da cidade, Edvan Pereira Leite (Figura 07, Figura 10 e Figura 12). Nele, foi reorganizado os banheiros, retirado a delegacia de polícia (Figura 09) que se encontrava no mesmo prédio, demolidos os bancos de alvenaria (Figura 11) que ficavam no centro do mercado, sendo estes substituídos por bancos de madeira (Figura 12) - possibilitando a remoção ou remodelagem a depender da necessidade - além de outras modificações, não obstante, o mercado público até o ano de 2012 não possuía quaisquer denominação, sendo dotada apenas no ano em questão perante a lei nº 410/2012 que nomeou a estrutura por “Luiz Pereira de Farias” (ANEXO 01).

Figura 09: Entrada lateral pela Rua José Albino da Silva, em 1994.



Fonte: VITORINO NETO, Faustino. 1994.

Figura 10: Entrada lateral pela Rua José Albino da Silva, em 2022.



Fonte: BORBOREMA, Luan Sampaio. 2022.

Figura 11: Interior do mercado público, em 1994.



Fonte: VITORINO NETO, Faustino. 1994.

Figura 12: Interior do mercado público, em 2021.



Fonte: BORBOREMA, Luan Sampaio. 2021.

Figura 13: Placa da reconstrução instalado na entrada nordeste do mercado público.



Fonte: BORBOREMA, Luan Sampaio. 2022.

Com a expansão da mobilidade e do crescimento da cidade, "[...] se transportam mais objetos em menos tempo, o consumo se faz mais imediatamente, tornando tudo isso mais e mais fácil, graças aos equipamentos criados pelo Estado para facilitar a circulação" SANTOS (2014, p. 90), assim, os quartos de armazenamento já não desempenhavam seu papel com maestria, dado o crescente números de veículos e a rapidez no trajeto residência-feira, o que tornou os imóveis inúteis.

Deste modo, SANTOS (2014, p. 77) afirma sobre o “envelhecimento das formas”, isso por que, em determinado tempo, as formas já não realizam mais a função que foi destinada na sua construção por deterioração dos materiais ou sucumbindo-as por desvalorização ou desuso. Em função disso, a “[...]readaptação de formas velhas para novas funções” (SANTOS, 2014, p. 77) fez com que alguns empreendedores locais desenvolvessem seus estabelecimentos nos antigos quartos, abrigando-as atualmente, diversas lojas de vestuários e serviços, mas mantendo em maioria, a fachada original, preservando sua história.

4.2 A mudança na realização da feira

Assim como o mercado público, o dia da realização da feira livre em Boa Vista também foi reformulado, este por sua vez, pleiteado sob um abaixo-assinado pelos comerciantes locais para que o domingo se reservasse ao descanso semanal, desta forma, enfim no ano de 2009 alterou-se para o dia de sábado a realização da feira, em contraposição a uma herança de décadas, onde era realizado no primeiro dia da semana.

No entanto, apesar da mudança ter sido uma demanda dos comerciantes, esta alteração trouxe uma remodelação para a paisagem local, haja vista a diminuição de outros comerciantes que se faziam presentes na feira no dia de domingo em Boa Vista e consequente encolhimento do fluxo de pessoas e mercadorias. Tal saída de alguns comerciantes que se instalavam na feira livre de Boa Vista tem uma causa econômica, isso porque nos dias de domingos, não havia nenhuma feira nas proximidades do município em questão (Quadro 01), dessa forma, a cidade atraía estes mercadores a fim de possuir mais um ponto de venda para suas mercadorias.

Quadro 01: Feiras realizadas em diversos municípios paraibanos.

Feiras nos municípios circunvizinhos		
Dia da Semana	Municípios	Quantidade estimada de habitantes (IBGE, 2021)
Segunda-Feira	Cabaceiras	5.710
Segunda-Feira	São João do Cariri	4.170
Segunda-Feira	Soledade	15.211
Segunda-Feira	Puxinanã	13.801
Terça-Feira	Juazeirinho	18.422
Quarta-Feira	Montadas	5.806
Quarta-Feira	Areial	7.054
Quarta-Feira	Campina Grande	413.830
Quinta-Feira	Gurjão	3.477
Sexta-Feira	Campina Grande	413.830
Sábado	Campina Grande	413.830
Sábado	Serra Branca	13.807
Sábado	Pocinhos	18.848
Sábado	Boqueirão	17.934
Sábado	Queimadas	44.388
Sábado	Alagoa Nova	20.992
Sábado	Esperança	33.386
Domingo	Remígio	19.973
Domingo	Olivedos	3.989

Municípios que fazem limites
 Municípios que não fazem limites

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Porém, com o remanejamento, estes comerciantes viram a inviabilidade de manter seu estabelecimento em Boa Vista, tendo em vista que, na cidade em questão as vendas são inferiores em comparação há outras feiras que acontecem no mesmo dia no entorno, fazendo com que as demais concedam melhores vendas, e conseqüentemente, mais lucro.

De tal forma, a alteração no dia do evento trouxe diversas mudanças, possibilitando aos trabalhadores do comércio local o descanso semanal no domingo, além de também modificar o cotidiano dos frequentadores, que em quantidade significativa, inviabilizaram sua frequência ou duração, considerando que são moradores da zona rural do município e no sábado ainda não tem concluído as atividades, possuindo apenas o domingo como repouso.

4.3 O uso da feira livre como um espaço dinâmico

Conforme SANTOS (2014, p. 74), “A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas” de tal forma, é o que tem acontecido com a feira livre em Boa Vista. Ações de propagação de informações e campanhas diversas realizadas tanto pela prefeitura municipal, quanto pela comunidade em geral, têm sido presenciadas no evento, isto por que, o dia da feira livre ainda compreende como um dia de socialização.

Principalmente em períodos de campanhas eleitorais, diversos candidatos a deputados, a prefeitos e a vereadores se fazem presentes na feira livre, provando comidas típicas, conversando com populares e analisando suas necessidades, gerando desta forma, debates a respeito dos movimentos e articulações políticas, acentuando também a responsabilidade que o evento possui com a população na temática da comunicação.

Além disto, por bastante tempo, o dia da feira livre também era espaço para a promoção de bingos beneficentes –principalmente nos períodos festivos ao padroeiro, em que as candidatas a rainha e princesa, realizavam estes bingos com mais premiações e maior frequência- onde eram realizados e/ou anunciados por via da difusora A Voz do Cariri, na voz de Moacir Sampaio, no mesmo imóvel, por fim, onde funcionavam os antigos quartos de armazenagem, hoje Rua Severino Pereira de Araújo, a leste do mercado público (Figura 14).

Nos dias atuais, a difusora já não existe mais, em virtude do falecimento de seu locutor e proprietário no ano de 2009, dessa forma, os bingos já não são mais realizados no dia da feira livre, mas em diversos outros locais ao longo da cidade. Porém, as promoções ainda acontecem,

e durante a pandemia do SARS-CoV-2, causadora da Covid-19, no ano de 2020 a feira livre da cidade foi temporariamente suspensa, a fim de evitar o contágio, do mesmo modo que aconteceu com diversas outras cidades ao longo da Paraíba e do Brasil.

Figura 14: Imagem dos antigos quartos, atuais pequenos comércios.



Fonte: BORBOREMA, Luan Sampaio. 2022.

Para tanto, com o passar dos tempos, as medidas foram sendo moderadas, retornando calmamente as atividades anteriores e deste modo, campanhas promovidas pela prefeitura municipal foram sendo realizadas pelo evento, como por exemplo: o teste em massa da população e dos comerciantes, além da conscientização dos cuidados que eram necessários para atravessar o ápice da doença em 2021.

Não obstante, eventualmente outras ações têm sido desenvolvidas ao longo da realização da feira livre pelos próprios agentes públicos neste ano, como: conscientização ao autismo, no mês de abril e apresentação de trios de forró pé de serra no mês de junho. No mais, o dia da feira ainda continua sendo um dia de encontros e compras, em menores proporções, em comparação a décadas anteriores, restando aos domingos um dia de pleno descanso e sem atrativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa, foi detectado que, a paisagem da feira livre da cidade de Boa Vista e o seu entorno modificou-se bastante nas últimas décadas, sejam elas, por ocasião das obras/reformas que foram realizadas, tanto no mercado, quanto na praça onde os comerciantes se alojavam ou por razão da alteração no dia da realização da feira, remodelando assim, sua dinâmica socioeconômica e cultural.

Foi possível identificar que, de maneira não proposital, ou indireta, que a ação dos próprios comerciantes locais fizera com que, a periodicidade de frequentadores e de diversos outros comerciantes que se faziam presentes, na feira do domingo, fosse inviabilizada, seja porque eram de outras localidades onde outras feiras com maiores proporções se realizavam aos sábados, seja pelas atribulações cotidianas que impedem a vinda à cidade, no sábado, em especial da população rural, desta forma, houve um declínio no fluxo de pessoas e mercadorias.

Observou-se que, outrora a feira já foi realizada ao longo da semana, adaptando-se a rotina dos usuários, permanecendo no domingo como o dia mais propício para tal evento até a década de 2000, quando esta foi alterada. Em virtude dessa modificação e do crescente número de mercado e hortifrúteis, diversos clientes que anteriormente apenas faziam suas compras na feira livre, são atraídos para estes estabelecimentos ao decorrer da semana, propiciando a redução de possíveis clientes na feira aos finais de semana.

Notou-se que, embora o mercado público seja um espaço amplo que poderia acomodar todos os atuais comerciantes de perecíveis, o mesmo não exerce este papel, servindo de equipamento de segregação, haja vista, o consolidado espaço dos que ali já se instalaram, impossibilitando tal função coletiva, restando aos desalojados o ambiente das ruas no entorno do mercado, abrigando-se da maneira que lhes são viáveis, sendo desprovidos de quaisquer intercepções pelo poder público municipal que mitigasse tal restrição.

Apesar da feira ser um ambiente econômico, no qual houve períodos em que se sobressaia na economia local, o aspecto social e cultural também se faz presente, sendo este reforçado em alguns casos pelo poder público, através da realização de eventos culturais ou diversos. Os encontros de amigos, quer seja em volta do Mercado, quer nas suas proximidades, que se realizam no interior, ou não, dos estabelecimentos comerciais, ou a realização de campanhas no espaço onde a feira livre é promovida, reforça a ideia de que, independentemente da ação do tempo o evento ainda possibilita que a população o tenha como sendo um espaço socioeconômico e cultural de referência.

Portanto, o presente trabalho buscou resgatar a história de um evento secular num município do interior paraibano, que se confunde/funde com a história da própria cidade. Dessa forma, aliou-se tal historicidade com a perspectiva geográfica, que analisou as modificações do espaço ao longo do tempo, baseando-se na pesquisa bibliográfica disponível, na pesquisa qualitativa e na pesquisa de campo, de tal modo, foi possível então verificar que a feira livre em comparação com outras décadas, possui declínio no fixo e no fluxo, cabendo a população e/ou agentes que se sente prejudicados, reivindicar seus direitos, porém, de maneira quantitativa e qualitativa, através da avaliação de qual dia a realização da feira se torna mais viável.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Juliana Maria Emiliano. **Produção do Espaço Urbano do Município de Boa Vista - PB no Período Pós-Emancipação**. Orientador: Nirvana Lúcia Albino Rafael de Sá. 2011. 20 f. TCC (Graduação) - Centro de Educação, Departamento de História e Geografia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/20559/1/JULIANA%20MARIA%20EMILIANO%20ALCANTARA.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2021.
- ALMEIDA, Antônio Pereira de. **Os Oliveira Lêdo e a genealogia de Santa Rosa**. João Pessoa: Gráfica Universal, p. 388. 1978. 2v.
- ASSIS FILHO, José da Silva. **Breves ensaios sobre Boa Vista: décadas de 40 e 50**. Campina Grande: Caravela, 2002.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- CORREA, Roberto Lobato. A rede de localidades centrais nos países subdesenvolvidos. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 50, n.1, p. 61-83, jan./mar. 1988.
- COSTA, Antônio Albuquerque da. **Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a feira de campina grande na interface desse processo**. Tese - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 120-140. 2003.
- FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. **A produção de Bentonita em Boa Vista-PB e Suas Redes de Comercialização: um exemplo de fixos e fluxos geográficos do período histórico atual**. Tese - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 09-50. 2003
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/boa-vista/panorama>>. Acesso em: 4 mar. 2022.
- MÁXIMA TECNOLOGIA. **Comunidade rural em Boa Vista é reconhecida como quilombola | Geral - Prefeitura Municipal de Boa Vista**. Disponível em: <<https://www.boavista.pb.gov.br/portal/noticias/geral/comunidade-rural-em-boa-vista-e-reconhecida-como-quilombola--354>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

PEREIRA, Viviane Guimarães; BRITO, Tayrine Parreira; PEREIRA, Samanta Borges. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **Revista Ciências Humanas**, Taubaté-SP, v.10, p. 67-78, dez., 2017. Disponível em: <<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/383/239>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SOARES, Francisco de Assis Ouriques. **Bôa Vista de Sancta Roza: de fazenda à municipalidade**. Campina Grande: Epgraf. p. 500. 2003.

Retalhos de Boa Vista - PB. **Para todos boavistenses, uma raro registro [...]**. Boa Vista, 05/mai/13. Disponível em: encurtador.com.br/orFW1. Acesso em: 23 abr. 2022.

VITORINO NETO. Faustino. **Filmagens de Boa Vista PB, no ano de 1994**. Youtube, [s.d] 1 vídeo (33 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EpvrQD--8Xk&t=481s>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

ANEXO 01



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA

GABINETE DO PREFEITO

LEI N.º 410/2012

BOA VISTA-PB, 07 DE MAIO DE 2012

DÁ DENOMINAÇÃO AO MERCADO
PÚBLICO MUNICIPAL E ADOTA
OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE BOA VISTA, Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica denominado de LUIZ PEREIRA DE FARIAS, o Mercado Público do Município de Boa Vista.

Art. 2º - Revogadas as disposições em contrário, esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.


EDVAN PEREIRA LEITE
PREFEITO